

# COMENTÁRIO BÍBLICO

## 1º Domingo Comum – Ano B

### Festa do Batismo de Cristo

10jan2021

Gênesis 1,1-5; Salmo 29; Atos 19,1-7

S. Marcos 1,4-11

<sup>4</sup>Assim apareceu João no deserto a batizar e a proclamar o batismo em sinal de arrependimento para perdão dos pecados. <sup>5</sup>Toda a gente da Judeia e os habitantes de Jerusalém iam ouvir João Batista. Confessavam os seus pecados e ele batizava-os no rio Jordão.

<sup>6</sup>João usava uma vestimenta de pelo de camelo com cintura de couro e alimentava-se de gafanhotos e de mel apanhado no campo. <sup>7</sup>E dizia assim ao povo: «Depois de mim virá alguém com mais autoridade do que eu, e nem sequer mereço a honra de me curvar diante dele para lhe desatar as correias das sandálias. <sup>8</sup>Eu batizei-vos em água, mas ele há de batizar-vos no Espírito Santo.»

<sup>9</sup>Por essa altura, Jesus veio de Nazaré, na província da Galileia, e foi batizado por João no rio Jordão. <sup>10</sup>No momento em que saía da água, Jesus viu abrir-se o céu e o Espírito Santo a descer sobre si, como uma pomba, <sup>11</sup>e ouviu-se do céu uma voz: «Tu és o meu Filho querido; com a maior satisfação te escolhi.»

1. “No princípio (...) sobre as águas pairava o Espírito de Deus. Então Deus disse: «Que a luz exista!» E a luz começou a existir.” (Gênesis 1, 1-3). Este é o Espírito criador que transforma o caos em ordem, que ilumina as trevas, que dá vida ao que estava morto (I Reis 17, 17-24), que anima o que estava imobilizado e seco (Ezequiel 37, 1-14), que dá um sentido ao caminhar do povo no deserto (Êxodo, capítulos 19 e 20).

João Batista, expressão viva da pregação profética, não vem do Templo, mas do deserto. Mexia com as pessoas, chamava-as a uma revisão da sua vida (confissão de pecados) e, na simbólica imersão nas águas do Jordão, reclamava-lhes a mudança de vida (*metanoia*). A primeira fase do itinerário do caminho espiritual que leva ao encontro com Deus e se completa no batismo em nome de Jesus, no Espírito (Atos 19, 1-7), a passagem das trevas para a luz. Podemos dizer, então, que na ‘metanoia’ da nossa humanidade o Espírito Santo nos levanta, propõe-nos uma pertença, e, assim, nos possibilita a ‘experiência’ de Deus, o Santo por excelência, e sentir o Seu amor.

2. O homem Jesus, um dia, deixou a sua casa e a sua família, sai de Nazaré da Galileia, onde vivia, e vai ao rio Jordão, na Judeia. Ali, mistura-se com a gente desorientada, que ouvia a pregação de João Batista, e decide submeter-se ao batismo, aceitando ser um como os outros pecadores e estar a precisar de mudar a sua vida. Este misturar-se com o povo (a quem João chegou a chamar *raça de víboras* – S. Lucas 3, 7b) como sendo um dentre eles (Filipenses 2, 7-9) é uma espécie de ‘incarnação’ que nos revela a grande lição que nos veio trazer: é no ‘verdadeiramente humano’ que se nos revela ‘o divino’. E este acontecimento deve ter sido de tanta importância para o cristianismo primitivo que o Evangelho refere que «No momento em que saía da água, Jesus viu abrir-se o céu e o Espírito Santo a descer sobre si, como uma pomba (...)». Que

fenómeno extraordinário, o céu desce à terra para assinalar aquele homem, pobre, humilde galileu de Nazaré. E uma voz se ouviu: «*Tu és o meu Filho querido; com a maior satisfação te escolhi*». Ali, no simplesmente humano Se fez presente, visível e audível o Deus transcendente. Este é o tema fundamental do Evangelho.

Em casa de Cornélio (Atos 10, 36-38), Pedro declara que Jesus Cristo «*é o Senhor de todos*» e explica que, depois do batismo proclamado por João, «*Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, o qual andou por toda a parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele*». Realmente, na tradição primitiva da fé, no batismo de Jesus algo se inicia, e é apresentado como o prelúdio de uma nova criação em que o mesmo Espírito que pairava sobre as águas da primeira criação (Génesis 1,2) se faz presente. Ou seja, Jesus, o homem, é ungido como Filho de Deus para na Sua humanidade, simples e humilde, expor-nos o Ser transcendente, o Pai.

### 3. Mas, o que nos diz isto ao nosso quotidiano?

Por altura do falecimento de Professor Eduardo Lourenço, a RTP1 transmitiu uma longa entrevista que lhe havia sido feito tempos atrás. A certa altura a entrevistadora, Fátima Campos Ferreira, perguntou-lhe: “Professor, o que pensa de Deus?”. Primeiro, o silêncio, com o olhar suspenso no infinito. Depois, a resposta, elaborada e calma: “Sabe, mais importante do que dizer o que penso de Deus é saber o que Deus pensa de mim”. No nosso batismo, tal como no de Jesus, Deus toma a iniciativa, debruça-se sobre nós e diz-nos: *Tu és o(a) meu(minha) filho(a) querido(a)*! É o que pensa de nós. Sem essa ‘atitude’ divina nem sequer podíamos recitar o *Pai-nosso*. Se Deus não nos chamasse primeiro *meu filho / minha filha* como poderíamos nós chamar-lhe *Pai*? Por isso, podemos dizer que, no Batismo, passamos a fazer parte da vida de Jesus e, como com Ele, o Espírito Santo *pousa* sobre nós, no sentido de que “aquele Espírito que move Jesus a dar-se aos pobres e a dar a vida pelos pecadores, nos é comunicado para que saibamos fazer outro tanto”(Carlo Maria Martini). Mas, como mantemos e desenvolvemos na nossa vida quotidiana este tão carinhoso pensamento de Deus a nosso respeito?

Jesus podia ter escolhido iniciar a sua ‘vida pública’ de outra maneira, porventura mais digna da sua condição. Mas, não. Escolheu a condição de homem, igual aos demais, colocando-se na fila dos pecadores, da gente pobre, anónimo, paciente e silencioso, esperando a sua vez. Além disso, parece ser razoável que se pense que Jesus, como os outros, deve ter feito a sua ‘revisão de vida’ antes de entrar nas águas do Jordão. Ora, tais atitudes, de humildade e ausência de ostentação, foram muito bem aceites por Deus, que se faz ouvir expressando a satisfação por ter escolhido Jesus como Seu *Filho querido*. Aqui, o Evangelho mostra-nos como a relação com Deus está tão dependente das nossas opções de vida. Por isso Eduardo Lourenço dizia que queria saber o que Deus pensava dele. Por isso, o processo da “conversão”, isto é, a reorientação da nossa religiosidade centrando-a em Jesus, a reflexão sobre a nossa forma de vida em termos de honestidade, simplicidade, civilidade e cuidado para com os outros e a natureza. Numa palavra, no batismo de Jesus mostra-se que a verdadeira espiritualidade está na nossa humanidade como cadinho onde o divino realmente se manifesta.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana